

Impactos econômicos da crise nas receitas dos resorts brasileiros (2013-2015)

Economic impacts of the **crisis** on revenues of Brazilian resorts (2013-2015)

ANTONIO BONFATO * [abonfato@sp.senac.br]

MILENA FRANCO ** [milena.f@hotmail.com]

Resumo | O presente artigo trata do impacto da crise econômica brasileira nos resorts brasileiros entre os anos de 2013 e 2015. Objetiva detectar no nível de afetação que o processo de desaceleração econômica gerou nas receitas dos empreendimentos. O artigo também busca mensurar o impacto que o megaevento Copa do Mundo FIFA gerou nas vendas e receitas dos resorts nacionais. Serviram de base os 51 resorts filiados à ABR – Associação Brasileira de Resorts, geradores dos dados primários aqui analisados. Também como fonte primária de cunho qualitativo, recorreu-se a entrevista pessoal. Entre os anos de 2013 a 2015, os dados depositados forneceram informações que permitiram mensurar o impacto da crise, através da análise dos índices de taxa de ocupação, receita média e *TrevPAR* dos empreendimentos. Os resultados da presente pesquisa devem ser incorporados ao objetivo principal da linha de pesquisa que busca identificar quais são as características específicas e peculiares do mercado brasileiro de resorts, bem como sua diferenciação, na oferta de serviços e produtos, em relação aos demais empreendimentos similares na América do Sul e, futuramente, no globo.

Palavras-chave | Índices de desempenho, macroeconomia, receitas, resorts

Abstract | This article is about the impact of the Brazilian economic crisis in national resorts between 2013 and 2015. Its objective is to measure the slump on incomes of Brazilian resorts due to this crisis. It also objectives to check the impact of World Cup FIFA in sales and incomes of these resorts. It was analyzed the behavior of the 51 resorts associated to the Brazilian Resorts Association - ABR, which generated the numbers shown in this article. Also, a personal interview served as a primary source. The associated resorts showed all data about their occupancy rate, average daily revenue and *TrevPar* from 2013 to 2015. The results of this study may be aligned to its main objective: to identify the specific behavior of resorts market in Brazil, as well as its products and services differences compared to similar lodgings in South America and the globe, in the future.

* **Mestre** em Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, especialista em planejamento e Marketing Turístico e **graduado** em Hotelaria pelo SENAC/CEATEL, São Paulo, Brasil. **Professor** e **pesquisador** dos programas de graduação e pós-graduação na área de Hospitalidade do Centro Universitário Senac Águas de São Pedro, São Paulo, Brasil
** **Orientanda** do programa de Iniciação Científica e **aluna** do curso Superior de Tecnologia em Hotelaria do Centro Universitário Senac de Águas de São Pedro, São Paulo, Brasil.

Keywords | Macroeconomics, performance index, resorts, revenue

1. Introdução

O presente artigo aborda os impactos gerados pela crise econômica brasileira sobre os resultados nas receitas nos resorts do país. O universo de amostragem da pesquisa foi composto pelos empreendimentos associados à ABR - Associação Brasileira de Resorts¹, principal entidade representativa da classe no Brasil. As hipóteses centrais que desencadearam o estudo foram levantadas com pesquisa de opinião junto aos gestores dos resorts associados à entidade supra, por ocasião e participação dos pesquisadores nas assembleias gerais promovidas pela entidade. Tais hipóteses se consistem em:

- i) Qual o nível de afetação que o comportamento macroeconômico da economia brasileira gerou sobre o desempenho de vendas e receitas dos resorts entre os anos de 2013 e 2015?
- ii) Quais foram os impactos sobre as receitas dos resorts brasileiros, que a realização do megaevento Copa do Mundo FIFA, em 2014, provocou? Quais foram esses impactos, tanto que cunho negativos, quanto positivos?
- iii) O setor dos resorts brasileiros segue em processo de consolidação, gerando receitas que sejam cada vez mais significativas no contexto do trade turístico nacional?

A partir da primeira década dos anos 2000, a atividade hoteleira brasileira passou por um processo de evolução tanto em termos tanto em ter-

mos de crescimento de mercado, quanto em termos de qualidade (Boeger & Yamashita, 2005; Bonfato, 2006; Prosérpio, 2007; Rosa & Tavares, 2012). O parque hoteleiro brasileiro saiu de 5.244 empreendimentos em 2012 (JLL, 2013) para 10.206 unidades em 2015 (JLL, 2016, p. 7). Em sua maior parte, a hotelaria brasileira se caracteriza como sendo operada de forma independente – 9.162 unidades hoteleiras em 2015 - mas a participação das redes e cadeias tem crescido de forma consistente nas duas últimas décadas (Bonfato, 2006). As unidades operadas em sistema de cadeia já disponibilizavam, em 2015, 1044 hotéis entre redes nacionais e internacionais (JLL, 2016, p.7). No mesmo ano o mercado brasileiro atingiu a média de oferta diária de 521.585 unidades habitacionais (JLL, 2016, p. 7). O segmento dos resorts seguiu a mesma tendência. Através dos anos, as grandes redes de resorts internacionais estabeleceram seus negócios no país, como as espanholas Fiesta e Iberostar e a portuguesa Vila Galé. Segundo o relatório “Resorts no Brasil 2014”, da BSH Travel Research (BSH, 2014) existiam 119 empreendimentos hoteleiros operando no país que poderiam ser classificados como resorts. Segundo o mesmo relatório, a oferta diária era de 14.915 UH/dia no ano de 2010. Em 2014, essa oferta atingiu 27.077 UH/dia (BSH, 2014, p. 9), que significa a quase duplicação da oferta em um espaço de apenas quatro anos. A melhora de renda familiar doméstica, durante a primeira década de 2000, também gerou aumento no fluxo desses turistas para os resorts nacionais. Nesse cenário mercadológico, o acirramento da concorrência se fez sentir cada vez mais. O cenário econômico brasileiro otimista de

¹Entidade que é reconhecida, oficialmente, como representante da área de resorts, pelo Ministério do Turismo – MinTur do Brasil.

meados da primeira década de 2000 até o seu final ainda exercia atração para organizações internacionais se instalarem no país (Domingues, 2014). Se por um lado a concorrência se intensificou, por outro, esse processo teve como concorrência a necessidade do aperfeiçoamento tanto dos sistemas internos de controle, quanto de qualificação de mão de obra. Os resorts também se viram induzidos a aprimorar seus controles gerenciais e sua distribuição de vendas (Bonfato, 2006). Nesse cenário, o surgimento de boletins de mercado específicos para a área foi uma consequência direta dessa necessidade de aperfeiçoamento organizacional. No entanto, com o passar dos anos, o macro ambiente econômico do país, passou a gerar preocupações cada vez maiores junto ao empresariado (Domingues, 2014). Tal desequilíbrio passou se fazer sentir de forma mais aguda a partir de 2013, com reflexos em toda a estrutura da atividade turística e, mais especificamente, nos resorts brasileiros. Mediante esse cenário, buscou-se levantar o objetivo principal do estudo, que é mensurar quais foram esses impactos.

2. Contextualização teórica

A publicação de relatórios e estudos que abordavam o desempenho mercadológico e financeiros dos hotéis brasileiros, possui histórico recente. A década de 1980 marcou o aparecimento dos primeiros relatórios como os publicados anualmente pela empresa Sotecom Auditores Independente (Domingues, 2014). Com o passar dos anos tais relatórios foram se tornando mais específicos, incluindo mais itens analisados e criando as sub segmentações de hotéis (JLL, 2013, p.10). Os dados eram distribuídos ao mercado, mas também serviram de base referencial para que órgãos como a Embratur

– Instituto Brasileiro do Turismo², desencadeasse políticas de incentivo para o desenvolvimento do turismo (Domingues, 2014). No setor específico dos resorts, as análises e relatórios eram mais raros com pouca frequência de publicação, os índices gerados eram provenientes de uma base frágil, com pequeno número de resorts respondentes. Dessa época, o “Relatório de Investimentos no Brasil: hotéis e resorts”, do ano de 2008, da BSH Internacional Holding (BSH, 2008) foi um precursor, ao conseguir uma base de dados que permitia uma análise mais ampla. Esse relatório foi reeditado em 2011 e 2014. A frequência de publicação dos relatórios se intensificou a partir de 2012, quando a consultoria Jones Lang LaSalle (JLL, 2013) lançou a análise “Resorts em Números”, sendo publicada até o ano de 2014.

A necessidade de uma frequência maior de relatórios para o setor foi tema de discussões frequentes nas assembleias gerais da Associação Brasileira de Resorts, então chamada de “Resorts Brasil”³. Necessitando suprir essa lacuna, a ABR buscou estabelecer uma parceria com o Centro Universitário SENAC⁴, para criação de um relatório setorial exclusivo e permanente. O relatório “Resorts Brasil em Perspectiva” surgiu desse acordo (Domingues, 2014). As primeiras edições abordavam os índices de taxas de ocupação, diária média e *RevPAR*, estabelecendo analogias temporais visando detectar crescimento positivo ou negativo de cada um desses medidores (RBEP, 2013). As publicações tinham a periodicidade trimestral, semestral e anual”. Ao longo do tempo algumas alterações foram introduzidas nesse relatório, tornando-o principal relatório referencial da área:

i) A denominação da “diária média”, foi substituída por “receita média”, devido ao fato dos respondentes não fazerem a distinção entre as receitas departamentais (hospeda-

²Autoria ligada ao Ministério do Turismo, responsável pela implantação da Política Nacional do Turismo.

³A partir de 2016 a Associação Brasileira de Resorts, por questões mercadológicas, deixou de adotar o nome “Resorts Brasil” e assumiu a nomenclatura ABR – Associação Brasileira de Resorts.

⁴Instituição de ensino de nível superior, com foco na área de serviços e hospitalidade, com sede em São Paulo/SP

gem, alimentos & bebidas, lazer, eventos e outros) ao depositarem os dados no banco da ABR;

ii) Resultante dessa primeira alteração, o termo “RevPAR” foi alterado pelo termo “TrevPAR – Total Revenue per Available Room”, também considerando o total das receitas.

As informações eram generalistas, considerando o grupo de resorts como um todo. A necessidade de se analisar os resorts de forma mais específica, classificando-os em sub grupos que guardavam semelhanças operacionais e mercadológicas, ocasionou a criação de sub categorias a fim de permitir uma análise mais segmentada e pontual. A edição nº 13, de outubro de 2013 (RBEP, 2013), expunha a primeira subdivisão: a separação pela localização geografia entre os “resorts de praia” e os “resorts de campo”. Posteriormente houve nova subdivisão, segundo o tipo de pensão. Assim surgiram os “resorts *all inclusive*”⁵ e “resorts com outros tipos de pensão”⁶. Na atualidade, o informativo segue o processo evolutivo e a partir da edição nº 24 - prevista para o final de 2016 - terá outra denominação e englobará, além das receitas departamentais, os gastos operacionais e não operacionais de cada subgrupo de resorts.

3. Metodologia

A presente pesquisa possui uma lógica linear de exposição. As obras de Goeldner, Ritchie e McIn-

tosh (2002), Mill e Kahl (2003), Daniel Guijarro (2003) e Jerry Weygandt (2005) serviram de fontes secundárias e formaram a estrutura conceitual inicial do tema. Os boletins emitidos pelo Comitê de Política Monetária – Copom, do Banco Central do Brasil⁷, também serviram como fontes secundárias para a base conceitual da análise do macroambiente econômico.

No segundo momento, ainda como fontes secundárias, os relatórios setoriais forneceram dados quantitativos. Foram objetos de análise, os relatórios elaborados pelas principais empresas de consultoria hoteleira no país como BSH Internacional (BSH, 2011), Hotel Invest (Canteras, 2011) e Jones Lang LaSalle (JLL, 2013). Essenciais foram as informações das várias edições do relatório Resorts Brasil em Perspectiva – RBEP, publicados no período entre 2013 a 2016, pela ABR- Associação Brasileira de Resorts. Nessa fase a pesquisa utilizou-se dos métodos descritivos (Laukatos & Marconi, 2001), que foram tratados como fontes de dados tanto qualitativos (Schlüter, 2003; Dencker & Bueno, 2003; e Santella, 2006), quanto quantitativos (Severino, 2002; Gil, 2008). No que se refere aos métodos e as técnicas adotadas, os índices gerais de desempenho das vendas e das receitas foram tratados com constância mensal, trimestral, semestral e anual, estabelecendo analogias entre os valores resultantes. Assim, caracteriza-se como pesquisa “correlacional: quando o pesquisador acompanha, relativamente a duas ou mais variáveis, a flutuação conjunta dos dados (Costa, 2001, p.50.) Após essa fase, o estudo se debruçou sobre duas fontes primárias, coletando os indicado-

⁵ *All Inclusive*: denominação aplicada dentro do universo hoteleiro que opera diárias onde todos os gastos com hospedagem e alimentação estão inclusos no preço fechado previamente.

⁶ Segmentação por tipo de pensão praticada, divididas em: a) *All inclusive*: todos produtos/serviços já inclusos na diária e b) outros tipos de diária, com *Full American Plan* - FAP: diária que inclui a pensão completa com pernoite e todas as refeições, excluindo-se outros gastos extras; *Mid American Plan* -MAP: diária que inclui o pernoite, o café da manhã e uma refeição, podendo ser um almoço ou jantar e *Bed & Breakfast* – B&B: diária que inclui o pernoite e um café da manhã.

⁷ As fontes de dados principais foram geradas pelas atas entre a 172ª reunião, de 24 janeiro de 2013 à ata da entre as reuniões de nº 196, de 28/01/2016, geradas pelo Comitê de Política Monetária - COPOM do Banco Central do Brasil - BCB

⁸ Taxa de ocupação: índice de medição de desempenho do hotel, dividindo as unidades habitacionais disponibilizadas

⁹ Receita média: valor agregado das receitas de determinado período, divididas pelas unidades habitacionais vendidas no mesmo período

res relativos ao desempenho de vendas e receitas dos resorts: taxa de ocupação⁸, receita média⁹ e *TrevPAR*¹⁰. As duas bases foram:

- i) Dados colhidos por um período de 36 meses junto ao banco de dados da ABR: Os dados foram depositados diretamente pelos associados e recolhidos pelos autores do estudo;
- ii) Pesquisa de campo, recorrendo à técnica da entrevista pessoal, junto a um profissional reconhecido pelo conhecimento mercadológico da área: Ricardo Domingues diretor executivo da Associação Brasileira de Resorts - ABR.

Dessa maneira foi possível gerar os dados que buscaram contemplar os questionamentos da introdução e que estão expostos na conclusão.

4. Análise e discussão dos resultados

Os resultados estão baseados nos fatos econômicos e suas consequências na área (subitem 4.2.), e nos dados setoriais de comportamento da taxa de ocupação, receita média e *TrevPAR* (subitem 4.3.).

4.1. Cenário macroeconômico 2013-2015

Após a exposição do breve histórico dos resorts (item 2. Contextualização teórica), a análise dos dados desse estudo, é desencadeado a partir de 2013. Esse ano inicial não foi plenamente satis-

fatório para a economia global. O ano seguinte, 2014¹¹, mostrou sinais de leve recuperação, liderada pela retomada do crescimento econômico americano. O PIB Industrial brasileiro, segundo o IBGE, caiu em -3,2% em 2014. O saldo final foi de retração de - 0,42%. Segundo o Banco Central do Brasil (BCB, 2015), pela primeira vez em duas décadas, o país apresentou um déficit primário de R\$ 32,53 bilhões no setor público consolidado – englobando os estados, municípios e empresas estatais¹². As políticas de incentivo fiscal não surtiram os efeitos esperados e não aqueceram a demanda, devido ao fato das famílias já estarem excessivamente endividadas. No entanto, vários setores da área de prestação de serviços apresentaram bom desempenho em 2014, dentre elas o turismo. A realização do evento Copa do Mundo de Futebol movimentou vários setores, desde os negócios ligados diretamente ao evento, à captação de novas demandas internacionais.

No que tange ao ano de 2015¹³, a economia global oscilou durante todo o ano. Os valores do crescimento mundial situaram-se entre 2,9%, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e 3,4%, segundo consultorias internacionais da área. Em sentido contrário, em 2015 a economia brasileira teve forte retração econômica de - 4,5%, segundo o BCB. Ao contrário de anos anteriores, o setor de serviços também foi fortemente afetado, com queda de - 3,6% , segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE¹⁴. No que tange à atividade dos meios de hospedagem, segundo o mesmo instituto a queda acumulada foi de - 5,5% nos serviços de alojamento e alimentação.

¹⁰ *TrevPAR*– *Total Revenue per Available Room*: valor agregado das receitas, divididas pelas unidades habitacionais disponibilizadas para a venda (com exclusão das unidades de uso da casa, cortesia e manutenção)

¹¹As referências que serviram de base para a análise econômica no biênio 2013/2014 tiveram como fontes secundárias, as atas de nº 172 de 24/01/2013 a de nº 188 de 21/01/2015, emitidas pelo Comitê de Política Monetária – COPOM, do Banco Central do Brasil-BCB

¹²BCB : Banco Central do Brasil

¹³As referências que serviram de base para a análise econômica no biênio 2014/2015 tiveram como fontes secundárias, as atas de nº 188 de 21/01/2015 a de nº 196, de 28/02/2016, emitidas pelo Comitê de Política Monetária – COPOM, do Banco Central do Brasil-BCB

¹⁴Ver em <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/02/volume-do-setor-de-servicos-registra-queda-de-36-em-2015-diz-ibge.html> acessado em 14/03/2016, às 15h25

4.2. O impacto macroeconômico nos resorts brasileiros (2013-2015)

Após análise das atas do Comitê de Política Monetária - COPOM, emitidas pelo Banco Central do Brasil-BCB, pode se afirmar que, no setor da operação dos resorts, os principais impactos incidentes na operação cotidiana foram motivados pela aceleração do ritmo da inflação:

i) Despesas gerais: O maior impacto ocorreu no custo da energia elétrica, que se elevou em 51,0% em 2015. Esse item compõe um peso importante nos gastos dos resorts, levando em consideração a quantidade de máquinas e equipamentos necessários para a operação dos empreendimentos. O item alimentos e bebidas também se elevou acima da inflação, conforme mostra a figura 1:

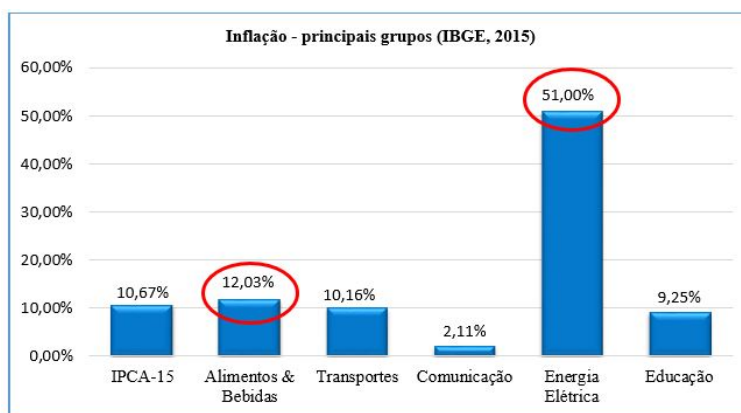


Figura 1 | Inflação de 2015 nos principais grupos
Fonte: Adaptado pelos autores do Informativo DEAGRO/FIESP, jan/16.

ii) Produtos alimentícios: Nesse grupo de produtos – além da inflação geral de 12,03% –, alguns subitens impactaram de maneira mais efetiva. O que exigiu maior atenção foi o de hortifrutigranjeiros, com vários alimentos se elevando muito acima da inflação, como a cebola (+ 60,6%), o tomate

(+ 47,5%), o feijão (30,4%) e a batata inglesa (+ 34,2%). As carnes tiveram comportamento menos agressivo, mas ainda assim acima da média inflacionária. A figura 2 mostra a inflação nos insumos de alimentação, em 2015.

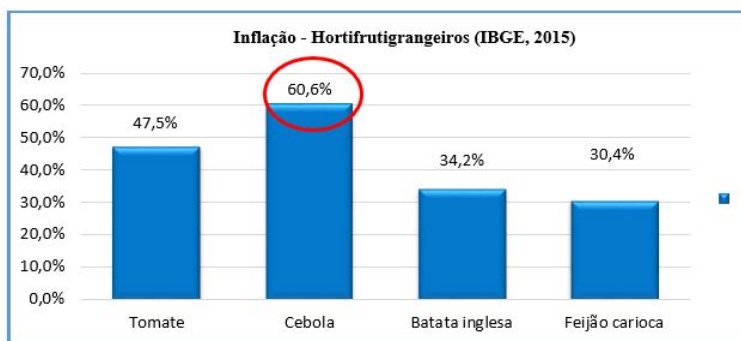


Figura 2 | Inflação hortifrutigranjeiros 2015
Fonte: Adaptado pelos autores do Informativo DEAGRO/FIESP, jan/16.

Um importante segmento que compõe a demanda por resorts nacionais é o de eventos corporativos. Segundo a Associação Latino-Americana de Gestores de Eventos e Viagens Corporativas (Alagev), o setor de viagens corporativas apresentou queda de - 3,6%¹⁵ em 2015. A Associação Brasileira de Agências de Viagens Corporativas (Abracorp) também registrou – junto aos seus

associados – crescimento negativo de - 2,3% no faturamento¹⁶, em relação a 2014. Esse fato toma significância ao se verificar que o segmento corporativo é responsável, em média, por mais de 30% do *mix* da demanda que se utiliza dos resorts (Domingues, 2014). O quadro 1 apresenta um resumo desse cenário.

Quadro 1 | Fatores que influenciaram o desempenho dos resorts em 2015.

ITEM	FATOR	CENÁRIO
CRESCIMENTO ECONÔMICO	Conjuntural	Crescimento econômico negativo seguiu na contramão do processo de crescimento econômico global. A crise de governabilidade teve influência direta no desempenho econômico do país.
PROCESSO INFLACIONÁRIO	Conjuntural	Inflação recorde em relação aos últimos anos ultrapassou o teto da meta do Banco Central. Energia elétrica, nos itens gerais, e hortifrutigranjeiros, no grupo alimentos e bebidas, foram os destaques negativos.
COMPORTAMENTO DO DÓLAR	Conjuntural	A elevação consistente da taxa de câmbio do dólar perante o real, durante o ano todo, encareceu as viagens ao exterior, com reflexo direto dos gastos do turista doméstico com deslocamentos internacionais
COMPORTAMENTO DOS CLIENTES	Mercado consumidor	Resorts nacionais foram afetados positivamente devido ao encarecimento de viagens para o exterior. Os resorts localizados em praia e em sistema <i>all inclusive</i> foram os mais beneficiados.
VIAGENS CORPORATIVAS	Setorial	O segmento foi fortemente afetado devido ao desaquecimento econômico doméstico. Houve queda de participação do segmento no <i>mix</i> de demanda dos resorts.
TRANSPORTE CIAS AÉREAS	Setorial	O setor teve crescimento baixo, com diminuição da oferta de assentos, principalmente para destinos menos consagrados.
DISTRIBUIÇÃO DE VENDAS	Setorial	<i>Online Travel Agencies</i> se solidificaram e seguem em processo de crescimento. O maior crescimento ocorreu especificamente no setor dos meta sites, como Trivago, dentre outros.

Fonte: elaborado pelos autores com base no banco de dados da ABR-Associação Brasileira de Resorts

4.3. Desempenho histórico da taxa de ocupação

Durante todo o período de 36 meses, os dados mensais analisados foram depositados, no banco de dados da ABR, até o décimo quinto dia do mês imediatamente posterior, pelos resorts associados.

O intervalo temporal de tolerância foi de 5 dias úteis, ou seja, até o dia 20 do mês posterior. Tais informações se tornaram o maior referencial sobre o comportamento mercadológico do setor. Após os dados serem colhidos, sistematizados, tabulados, mensurados e analisados, foi possível gerar as primeiras informações. Dessa maneira pode-se

¹⁵Ver em <http://www.valor.com.br/empresas/4436592/vendas-em-turismo-de-negocios-recuam-36-em-2015-no-pais-diz-alagev>, acessado em 14/04/2016, às 16:23

¹⁶Ver http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/viagens-corporativas/2016/01/faturamento-de-agencias-abracorp-cai-23-em-2015_123018.html, acessado em 16/03/2016, às 11:53

afirmar que os empreendimentos mantiveram um processo histórico de melhora contínua da taxa de ocupação, embora em menor ritmo que anos anteriores ao período analisado. Em que pese o aumento das UH's disponibilizadas ano a ano, entre 2009 e 2015, o índice manteve a média de cres-

cimento de 4,51% a.a. (RBEP, 2016), conforme aponta a figura 03. De forma resumida, a média histórica de 5,9% a.a., mantida até 2014, registrou queda de 1.4 pontos percentuais, considerando os novos dados de 2015, mas manteve o crescimento anual no campo positivo.



Figura 3 | Crescimento histórico da taxa de ocupação período 2009-2015.
Fonte: Adaptado pelos autores do banco de dados da ABR

4.4. Taxa de ocupação geral – período 2013 a 2015

A primeira variável analisada foi a taxa de ocupação, que indica a eficácia do volume de vendas das diárias vendidas durante o período analisado. Ressalte-se que no ano de 2014 houve a realização do evento esportivo global Copa do Mundo FIFA. Assim, esse fato excepcional também foi objeto de mensuração do presente estudo. O evento ocorreu entre a 2ª quinzena de junho/14 ao final da 1ª quinzena de julho/2014. Após análise, dois fatos temporais principais foram constatados nesse item:

- i) 2ª quinzena de junho/14: se caracterizou como forte geradora de diárias, tendo em vista que participaram 32 delegações classificadas para essa fase final do megaevento. Nesse caso as compras foram antecipadas, pois a tabela de jogos e locais já estava pré-estabelecida, possibilitando - aos fãs e as equipes - efetuarem suas reservas de viagem e pernoites, com antecedência;
- ii) 1ª quinzena de julho/14: se caracterizou

pela menor propensão a gerar diárias, tendo em vista o número mais reduzido de equipes – consequentemente um potência menor de captação de clientes. Tal cenário foi gerado pelas incertezas de quanto e onde as equipes classificadas para oitavas (16), quartas (8), semi (4) e final (2), fariam seus jogos. Os fãs das equipes dispunham de pouco tempo para efetuar suas reservas, tendo em vista não ser possível se fazer a reserva com antecedência, antes dos resultados finais das fases anteriores. Resultante disso, o índice medido sofreu forte queda.

Considerando os dados subdivididos em dois biênios distintos, observa-se que entre 2013/2014, a taxa de ocupação anual teve crescimento de 4,7%, atingindo 58,7%, ante 56,1% no ano de 2013. A realização do megaevento afetou o referido índice, registrando viés para cima. O biênio 2014/2015, sem a contemplação de nenhum evento global, registrou queda de - 2,69%, regredindo a 57,2% de ocupação anual. O fato do país ter entrado em crise econômica influenciou negativamente esses valores. Assim, o dado final desse item - consi-

derando todo o triênio analisado - resultou em um crescimento positivo médio de 1,01% a.a. A figura 4 mostra o comportamento da ocupação mensal entre 2013 e 2015.

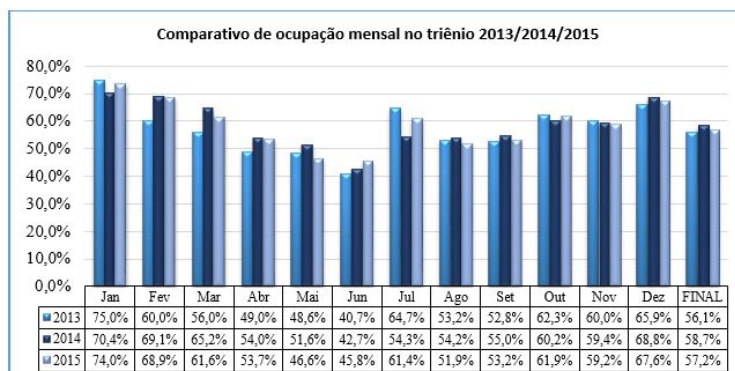


Figura 4 | Comparativo da taxa de ocupação mensal triênio 2013/2014/2015.
Fonte: Adaptado de Resorts Brasil em Perspectiva n° 19(2015, p. 14.), e n° 23 (2016, p. 17)

A figura 5, a seguir, estabelece um comparativo com os três anos analisados e mostra as oscilações mensais do período: 2014 em relação a 2013 e 2015 em relação a 2014. Puderam ser observados dois fatos destacáveis, ambos no biênio 2013/2014:

i) A taxa de ocupação geral foi positiva durante todo o primeiro semestre de 2014. Segundo Domingues (2014), esse fato foi ocasionado pela antecipação dos eventos de grupos corporativos mediante a previsão de alta ocupação no período pré-Copa do Mundo FIFA. A grande maioria das empresas geradoras de diárias desse segmento concentrou seus eventos entre os meses de fevereiro/14 e março/14. Após esse período a ocupação manteve crescimento positivo até o final do semestre;

ii) A partir de julho/14 - período que englobou a segunda fase da Copa do Mundo FIFA - a demanda decaiu de forma abrupta. A grande maioria dos turistas retornou ao país de origem. Se previa que esse hiato seria ocupado pela demanda doméstica, que entraria em temporada de férias de meios de ano. Mas tal fato não se concretizou

(Domingues, 2014). Esse segmento foi reprimido pela sensação de que os valores dos pacotes permaneceriam altos e pouco convidativos. No entanto ao se observar as diárias desse período, nota-se que essas permaneceram em patamares mais baixos que anos anteriores, se contrapondo a essa hipótese levantada pelos clientes domésticos.

Ao se observar o comportamento do consumidor durante o período de Copa do Mundo FIFA, nota-se que, após um crescimento nominal de 4,9% em junho/14, ouve uma queda abrupta de -16,07% em julho/14, conforme registra o boletim Resorts Brasil em Perspectiva n° 19 (2015). Tal valor se constituiu na maior queda mensal registrada desde a criação do referido relatório. O cenário de queda da ocupação permaneceu nos demais meses do ano de 2014, com exceção de agosto/14, que registrou incremento de 1,88%, motivado pelas férias europeias, principal emissor de demanda internacional para os resorts brasileiros (Domingues, 2014). O biênio 2014/2015 transcorreu com a crise econômico/política instalada no país durante todo o período, mas apresentou desempenho geral positivo nesse índice, que registrou recuperação de 13,08%, em relação ao biênio anterior. O fato positivo nesse processo foi a desvaloriza-

ção da moeda nacional perante o dólar americano e o euro, fazendo com que as viagens ao exterior ficassem mais onerosas à demanda doméstica. O fato fez o cliente de lazer doméstico optar por um

destino nacional, mais viável economicamente. A figura 5 mostra o comportamento da variação geral desse índice.

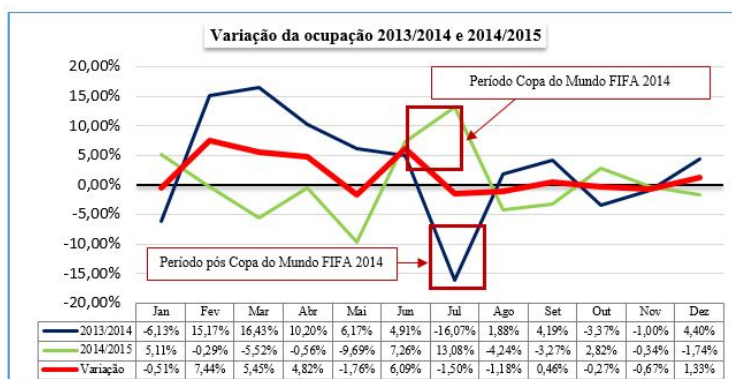


Figura 5 | Variação percentual mensal da taxa de ocupação triênio 2013/2014/2015
Fonte: Adaptado pelos autores de RBEP nº 19 (2015, p. 14.), e nº 23 (2016, p. 17)

A final, os dados revelaram uma média de oscilação de 1,33% durante os três anos analisados.

4.5. Receita média geral 2013 -2015

No que tange ao biênio 2013/2014, o resultado desse índice mostrou crescimento de 1,6%, em termos nominais¹⁷, alavancado pela realização do evento Copa do Mundo FIFA. O dado de significância foi gerado pelo mês de julho/2014, que atingiu o recorde histórico de crescimento de 40,1%, refletindo as receitas aferidas na 1ª quinzena da realização do megaevento. Em termos de valores o crescimento da receita nominal por apartamento disponível se elevou, no ano de 2014, em US\$ 2,64, com um pico de US\$ 55,91 por UH vendida em junho/14. No entanto, os resultados aferi-

dos no 2º semestre de 2014 não foram animadores e sinalizavam que a economia do país apresentava problemas conjunturais. No biênio seguinte, de 2014/2015, tais problemas se agravaram e comprometeram - de maneira mais efetiva-as variáveis anuais, registrando queda de - 5,4% da receita média nominal. A queda do índice foi tão significativa que anulou os ganhos do biênio 2013/2014 gerando, ao final do triênio, crescimento negativo médio de - 1,9% a.a., em termos nominais.

A figura 6 mostra o desempenho da receita média nominal mensal. Além do destaque de julho/2014, ressaltou-se o mês de abril/14 que, assim como a taxa de ocupação, foi contemplado com a antecipação dos eventos corporativos. Tal fato resultou em crescimento positivo de 22,0% acima do mesmo mês do ano anterior.

¹⁷Os valores estão expressos em crescimento nominal, sem a aplicação de um fator indexador do período.

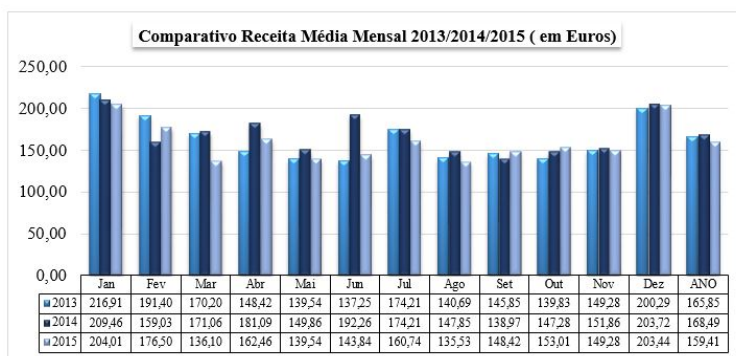


Figura 6 | Comparativo da receita média nominal mensal no triênio 2013/2014/2015.
 Fonte: Adaptado pelos autores de Resorts Brasil em Perspectiva n.º 19 (2015, p. 17), e n.º 23 (2016, p.20)

A figura 7 destaca as oscilações mensais do triênio. Estabelece um comparativo de cada mês em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com afirmado anteriormente, apesar do desempenho ter sido positivo no biênio 2013/2014, a figura destaca as significativas perdas ocorridas no biênio 2014/2015. O período ressaltado em vermelho corresponde à realização da Copa do Mundo FIFA. Observa-se o mesmo comportamento já contatado na taxa de ocupação: pico durante a 2ª quinzena de junho/14 e posterior queda na 1ª quinzena do mês subsequente. Durante o biênio 2014/2015

destaca-se a queda desse índice em nove dos doze meses do ano. Ao se estabelecer uma analogia entre esse comportamento e as atas emitidas pelo Conselho de Política Monetária – COPOM, do Banco Central do Brasil-BCB, constata-se que a queda dos gastos pela demanda, coincide com as sucessivas quedas do Índice e Confiança do Consumidor, ICC, ocorridas durante o ano de 2015. Nesse ambiente, de menor propensão aos gastos com lazer pela demanda doméstica, as quedas sucessivas da receita média nominal evidenciam tal comportamento de consumo.

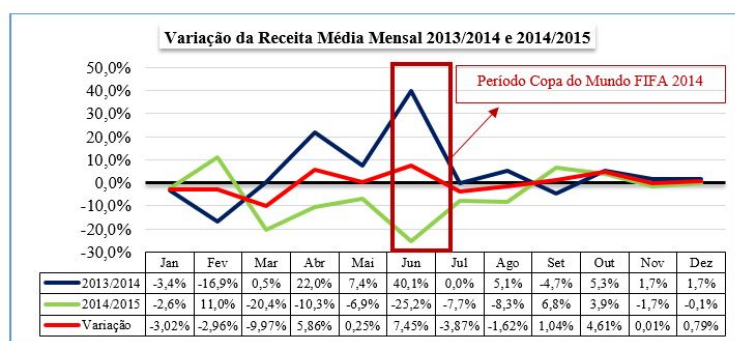


Figura 7 | Variação mensal da receita média nominal no triênio 2013/2014/2015.
 Fonte: Adaptado de Resorts Brasil em Perspectiva n.º 19 (2015, p. 17.), e n.º 23 (2016, p.20)

4.6. TrevPAR geral 2013-2015

A medição do TrevPAR nominal do triênio mostra o desempenho de vendas e receitas de forma mais significativa, ao cruzar os dados de de-

sempenho gerados pela taxa de ocupação com a receita média nominal. Ao final, o TrevPAR nominal serve como instrumento que mensura a qualidade da venda e sua efetividade na composição das receitas gerais nos resorts. Sendo assim, sua

mensuração é o ponto chave para a compreensão mais sistêmica dos valores obtidos no triênio.

No período 2013/2014 o crescimento nominal foi positivo em + 6,38%. No biênio 2014/2015, refletindo os valores obtidos na taxa de ocupação e, notadamente, da receita média, o desempenho geral da efetividade das vendas decaiu e gerou crescimento nominal negativo de - 7,93%. Ao se calcular o desempenho do triênio, o resultado final foi o recuo médio nominal de - 0,78% a.a., reafirmando que os reflexos da crise econômica se fizeram sen-

tir no segmento de resorts. Durante o triênio os destaques positivos foram os meses de abril, maio e junho de 2014, refletindo os efeitos positivos da antecipação dos eventos corporativos e da Copa do Mundo FIFA. Os destaques negativos se concentraram em 2015, durante os meses de março, maio e junho que apresentaram perdas significativas motivadas pela estagnação do setor de eventos corporativos que, tradicionalmente, supre as receitas nesses meses (Domingues, 2014). A figura 8 mostra o quadro mensal.

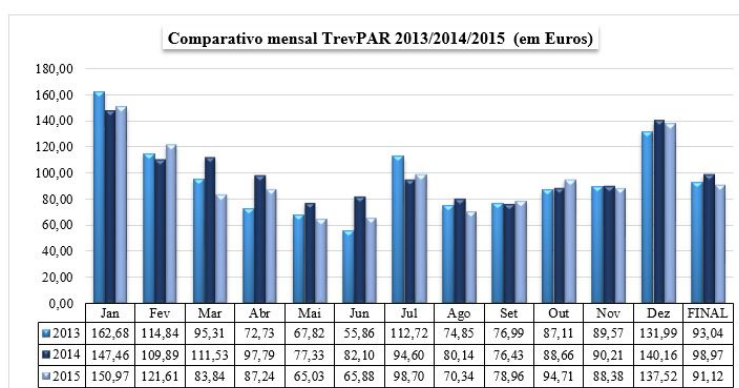


Figura 8 | Comparativo do TrevPAR nominal mensal período triênio 2013/2014/2015.
Fonte: Adaptado de Resorts Brasil em Perspectiva n° 19 (2015, p. 20.), e n° 23 (2016, p.22)

A figura 9 aponta a oscilação mensal dentre os meses. Os extremos de variação estão concentrados nos meses de junho e julho de 2014 e 2015. O mês de junho reflete a real alavancagem que o megaevento Copa do Mundo FIFA gerou nos resorts. Em 2014, destaca-se o pico de crescimento de 47,0% em junho/14. A queda de - 19,75% desse mesmo mês, em 2015, reflete não apenas o momento macroeconômico do país, mas também a volta à normalidade do comportamento sazonal do

mês, após o pico do ano anterior provocado pelo megaevento. A queda de -16,1% do *TrevPAR* em julho/14, na 2ª fase da Copa do Mundo FIFA, foi parcialmente repostada em 2015, com elevação de + 4,33%. Mesmo com a crise econômica já instalada no país, esse mês também mostrou tendência de retornar a sua normalidade histórica. Ao final a oscilação média do *TrevPAR* nominal do triênio ficou em 2,16%.

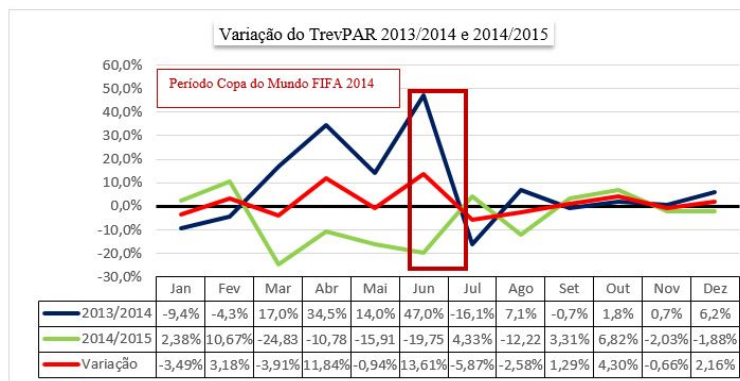


Figura 9 | Variação percentual mensal do TrevPAR nominal triênio 2013/2014/2015. Fonte: Adaptado de Resorts Brasil em Perspectiva nº 19 (2015, p. 20.), e nº 23 (2016, p.22)

5. Conclusão

Durante o triênio 2013/2014/2015 os fatores econômicos externos e internos exerceram forte influência nos resultados das vendas nos resorts brasileiros. Tanto nos positivos, como a realização do megaevento Copa do Mundo FIFA, quanto nos negativos, como a crise econômica que o país apresentou a partir do 2º semestre de 2014.

Como a base de clientes dos resorts brasileiros é composta essencialmente pela demanda doméstica, as oscilações da economia brasileira tendem a exercer influência significativa em todo o setor dos resorts nacionais. Assim constatou-se o alto grau de interferência que os dados econômicos exercem sobre a área como um todo. Os fatores macro e micro econômicos influenciam fortemente tanto o desempenho mercadológico, quanto o desempenho financeiro dos resorts brasileiros. Nesse sentido, no que tange à adoção de políticas corporativas para amenizar esse quadro, a busca da retomada de clientes internacionais que - ao final da década de 1990, chegou a compor 30% do *market mix* dos estabelecimentos e hoje perfaz apenas 9% (Domingues, 2014) -, se torna uma necessidade urgente.

Considerando o fato de que - junto com os turistas de lazer - o segmento de eventos corporativos também possui participação importante no mercado nacional dos resorts, foi possível analisar dos principais índices indicadores de desempe-

nho de vendas e receitas do período. Desse modo, observa-se que:

- i) Em termos quantitativos, o mercado de resorts brasileiros cresce de modo significativo, fato constatado pelo seguido aumento das taxas de ocupação gerais anuais;
- ii) Em termos qualitativos, a qualidade da venda das diárias tem sido afetada nos últimos anos, ao se constatar que há crescimento real negativo na receita média, embora apresente crescimento levemente positivo, quando calculados considerando os valores nominais;
- iii) O *TrevPAR* resultante do cruzamento entre taxa de ocupação e a receita média é levemente negativo em termos nominais e significativamente negativo em termos reais. Trata-se do principal indicador para que novas políticas sejam adotadas.

Baseados nesses dados, constata-se que a melhora do desempenho geral dos resorts no país se deu basicamente pelo com o aumento quantitativo da venda (medida pela taxa de ocupação); em detrimento ao ganho com a qualidade de venda (medida pela receita média e, principalmente, pelo *TrevPAR*). Em termos matemáticos essa tática melhora de vendas baseada na quantidade tem limitações, pois ela é finita. Já a melhora da qualidade da venda, com a elevação da receita mé-

dia nominal pode gerar um resultando mais consistente e duradouro, tendo em vista não ter um limite matemático finito.

O megaevento Copa do Mundo FIFA 2014, exerceu influência positiva, mas pontual, se restringindo a contribuir com a melhora dos índices de desempenho apenas na 2ª quinzena do mês de junho/14 quanto, também, ouve uma manifestação rara de melhora qualitativa do TrevPAR nominal. No entanto, o fraco desempenho da economia brasileira se reflete de maneira visível no triênio. É perceptível a conexão entre desaquecimento econômico e o ritmo de melhora/piora do desempenho das receitas dos resorts brasileiros. Esse estudo seguirá a ser aprofundado, tendo em vista que os índices analisados se referem às receitas gerais, mas não se debruçam sobre o quadro dos gastos diretos e indiretos. O aumento do custo dos insumos da área de alimentos e bebidas deve se refletir na formação de preços dos hotéis, notadamente nos que operam em sistema *all inclusive*. Assim, se faz necessária nova coleta de informações, abordando a temática sob a égide dos gastos e, conseqüentemente, do lucro operacional dos empreendimentos estudados.

Os resorts - antes de representatividade limitada no universo da hospitalidade brasileira - hoje exercem influência mercadológica cada vez mais significativa, bem como é agente ativo nas políticas de desenvolvimento turístico dos destinos receptivos do país.

Referências

- Associação Brasileira de Resorts (2016). *RBEP - Resorts Brasil em Perspectiva* nº 23. São Paulo: SENAC/Resorts Brasil.
- Associação Brasileira de Resorts (2015). *RBEP - Resorts Brasil em Perspectiva* nº 19. São Paulo: SENAC/Resorts Brasil.
- Associação Brasileira de Resorts (2014). *RBEP - Resorts Brasil em Perspectiva* nº 14. São Paulo: SENAC/Resorts Brasil.
- Associação Brasileira de Resorts (2013). *RBEP - Resorts Brasil em Perspectiva* nº 13. São Paulo: SENAC/Resorts Brasil.
- Banco Central do Brasil – BCB (2016). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 196ª reunião*. Brasília:BCB
- Banco Central do Brasil – BCB (2015). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 188ª a 195ª reunião*. Brasília:BCB
- Banco Central do Brasil – BCB (2014). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 180ª a 187ª reunião*. Brasília:BCB
- Banco Central do Brasil – BCB (2013). *Atas do Comitê de Política Monetária – COPOM 172ª a 179ª reunião*. Brasília:BCB
- Boeger, M. A. & Yamashita, A. P. (2005). *Gestão financeira para meios de hospedagem*. São Paulo: Atlas.
- Bonfato, A. C. (2006). *Desenvolvimento de Hotéis: estudo de viabilidade*. São Paulo: SENAC.
- BSH International (2014). *Resorts no Brasil: 2014*. São Paulo: BSH.
- BSH International (2011). *Relatório de Investimentos no Brasil: hotéis e resorts 2011*, São Paulo:BSH.
- Canteras Associados (2011). *Hotel Invest: relatório aos investidores hoteleiros*. São Paulo:HVS.
- Costa, S. F. (2001) *Método científico: os caminhos da investigação*. São Paulo: Harbra, 372
- Dencker, A. F. M. & Bueno, M. (orgs.) (2003). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Domingues, R. (entrevista pessoal na sede da Associação Brasileira de Resorts, 11 de novembro, 2014)
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Goeldner, C. R., Ritchie, J.R. & McIntosh, R. W. (2002). *Turismo princípios, práticas e filosofias*. 8. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Guijarro, D. (2003). *Guia de resorts brasileiros*. São Paulo: Online editora.
- JLL Jones Lang LaSalle (2015). *Hotelaria em números 2014*. São Paulo: *Jones Lang LaSalle – JLL*
- JLL Jones Lang LaSalle (2014). *Resorts em números 2013*. São Paulo: *Jones Lang LaSalle – JLL*

- Laukatos, E. & Marconi, M. A. (2001). *Fundamentos da metodologia científica*. 4. Ed. São Paulo: Atlas.
- Mill, R. C. & Kahl, S. (2003). *Resorts: administração e operação*. São Paulo: Bookman.
- Ministério do Turismo – MTUR (2014). *Turista de negócios gasta quatro vezes mais que o de lazer*. Acesso em 18 de março de 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2014/09/turista-de-negocios-gasta-quatro-vezes-mais-que-o-de-lazer>
- O Globo. (2015) *Setor de serviços acumula queda de 3,6% em 2015, a maior da história*. Acesso em 14 de março de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/02/volume-do-setor-de-servicos-registra-queda-de-36-em-2015-diz-ibge.html>
- Panrotas. (2015) *Faturamento de agências Abracorp cai 2,3% em 2015*. Acesso em 16 de março de 2016. Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/viagens-corporativas/2016/01/faturamento-de-agencias-abracorp-cai-23-em-2015_123018.html.
- Prosérpio, R. (2007) *O avanço das redes hoteleiras Internacionais no Brasil*. Sao Paulo: Aleph.
- Rosa, S. E. S. & Tavares, M. M (2012). *A recente expansão dos resorts no Brasil*. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 16, set. 2012. Acesso: 12/08/2012. Disponível em: www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Turismo/200209_16.html.
- Santella, L. (2006). *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. 2. ed. São Paulo: Hacker.